

PRESÉPIO: RELIGIÃO E ARTE NO RECÔNCAVO*

Vânia Bezerra de Carvalho

O trabalho analisa o presépio como manifestação sócio-cultural e enquanto linguagem visual, buscando uma melhor avaliação das mudanças nos diversos contextos. Concentra-se no estudo de figureiros e montadores de Presépio em Salvador, Cachoeira e Feira de Santana, analisando-os como parte do artesanato e da arte popular baianos, recuperando e identificando traços comuns e particulares entre criadores e obras, diagnosticando o significado e mutações na sua produção.

Um estudo analisado à luz de teóricos como Lanternari, Francastel, Berger, Luis Santos e Umberto Eco.

O período estudado compreende as décadas 1960/1990 nas quais ocorreram significativas mudanças na economia e sociedade que se refletiram na concepção e confecção dos presépios.

Palavras Chaves:

Arte Popular - Arte Religiosa - Lapinha - Presépio

SIGNIFICAÇÃO DO NATAL E DO PRESÉPIO

Um país nascido sob o signo da Cruz, possuidor de uma cultura fortemente marcada pelo cristianismo cujo culto religioso polariza-se em dois momentos axiais: — o do Natal, no aspecto da afirmação da vida, e o da Paixão, no aspecto tanatus, na celebração da morte —, tentar compreender o modo como esses dois momentos, em cada tempo, espaço geográfico e social, foram expressos é de fundamental importância para a percepção e entendimento da arte e da cultura brasileiras.

Dentro do ciclo natalino, que se estende do Advento até o dia da apresentação ao Templo, o presépio representa o seu fenômeno central. Ele simboliza, para o mundo cristão, a encarnação de Deus no homem.

Sua permanência, ao longo dos séculos, como manifestação artístico-cultural da cristandade, leva a reconhecer nele um objeto de civilização cristã. Todos reconhecem sua representação, ainda quando estilizada ou em ambientação diferente.

As informações evangélicas, nas quais o presépio se apoia, são menores que as referentes à Paixão e ditos de Jesus na vida adulta. O cristianismo é uma religião nascida do fenômeno que, para os apóstolos, foi o da “ressurreição” de um homem a quem tinham seguido e a quem, naquele momento, identificavam como de natureza do próprio Deus.

Anos após esse fenômeno, para substituir o depoimento de testemunhas e consolidar sua mensagem, foram redigidos Evangelhos (a palavra evangelho significa boa nova) que recordavam a vida, as lições, a morte e a ressurreição de Cristo, e que procuravam mostrar que neles se cumpriram, ainda que de modo inesperado para os homens do seu tempo, as antigas profecias judaicas referentes ao Messias. Escritos sob a luz e o impacto da “ressurreição”, é compreensível que os Evangelhos se concentrassem na vida pública de Jesus, após o batismo por João Batista, apresentada através de suas palavras e atos mais significativos, no sentido literal do termo: (cheio de sinais, no caso quanto a vontade de Deus e sua natureza humana e divina), e da descrição de sua Paixão e morte na cruz.

O espaço para lembrar o nascimento de Cristo é, assim, compreensivelmente menor. O suficiente para mostrar que ele é, também, humano; que descende de uma longa série de pessoas, representativas dos mais variados tipos humanos; que é da “casa de Davi” como previam as profecias; que nasceu pobre e entre os pobres; e em Belém, como previa outra profecia, nasceu e cresceu sob os princípios religiosos judaicos.

Apenas em Lucas, é narrada a circunstância a em que se dá o nascimento. Sobre esses dados a tradição e cultura cristã, com a ajuda dos Evangelhos apócrifos e visões dos santos, vai construindo representações da Natividade pelos séculos.

O primeiro presépio foi o próprio fato histórico acontecido há dois mil anos. A iconografia representativa da Natividade é bastante antiga. Remonta aos primórdios do cristianismo, como tema ornamental de sarcófagos e paredes de catacumbas, por volta do século IV da nossa era, em Roma. Nessas representações São José não participa da cena e só mais tarde é incorporado à iconografia cristã.

Mas foi São Francisco de Assis que, em 1223, em Greccio, deu um conteúdo novo à forma plástica da representação da Natividade e tornou-se seu propagador pela Europa cristã, através dos religiosos de sua Ordem.

A concepção plástica de São Francisco de Assis define uma representação, o presépio, que a partir daí se espalha por toda a cristandade, especialmente a ocidental.

Há razões para o sucesso do presépio. Além de corresponder ao conteúdo reconhecidamente evangélico e aos acréscimos sedimentados na tradição cristã, o presépio formulado por Francisco apresenta uma série de características. Enfatiza, ao mesmo tempo, a humanidade e a pobreza de Jesus num momento de grande revivescência religiosa — o movimento pauperístico.

A representação do nascimento em uma manjedoura é uma expressão concreta da proposta do “Deus conosco”, seguida por Francisco e, depois dele, pelos que continuaram sua inspiração.

Além disso, o presépio apresenta em seu núcleo básico, a família sagrada humanizada, permitindo uma identificação com as famílias humanas.

O culto ao presépio associa-se, assim, à valorização de uma instituição considerada fundamental — a família.

A saída das representações natalinas do espaço das igrejas para o espaço leigo, permite que os presépios alcancem os palácios e as casas comuns.

A este singelo e facilmente reconhecível núcleo básico, agregam-se outros elementos facilmente identificáveis presentes na tradição cristã e ao mesmo tempo, cheios de simbolismo a eles acrescentados pela teologia, tradição e até pelo folclore: os anjos, os reis Magos, entre os quais, um passa a ser representado por um negro a partir do século XV, além do boi, do burro, das ovelhas e dos pastores. No horizonte, pode se colocar a cidade (Belém ou Jerusalém, nas representações mais antigas), à margem da qual Jesus tinha nascido, ou cercá-lo de um ambiente ainda mais rural. Como o nascimento de Cristo é um fato central, em torno dele se pode colocar tudo o que existe no mundo, tudo o que se queira.

O Natal, inserção de Deus na História, encarnação de Deus no homem, é a festa da família, do aconchego, da reunião de todos na intimidade do lar, mas é também, festa popular por excelência, festa da alegria. É a celebração do sim à vida. São Francisco de Assis considerava o dia do Natal de modo especial e dizia: *no dia em que Cristo nasceu tivemos a certeza de que íamos ser salvos*. Para Francisco de Assis, o Mistério de Belém está inteiramente ligado ao

Mistério sacramental da Eucaristia. É a celebração da vida. Assim, além do aspecto festivo-familiar, do ponto de vista teológico, o Natal representa a revelação da humanidade de Deus, dentro da teologia do Deus conosco. O Natal é a conciliação da tradição popular e do dogma teológico, misturando ritos sagrados e aspectos da vida cotidiana.

Assim, no ciclo das festas natalinas que se estende do Advento — quatro semanas que antecedem ao Natal — à Apresentação no Templo — dois de fevereiro, a montagem do presépio é uma marca do momento central.

No Brasil, a tradição do presépio aportou com os primeiros religiosos. Em Salvador que, durante séculos, foi a maior cidade portuguesa do Atlântico Sul, e no Rio de Janeiro encontram-se referências sobre ele já no século XVI.

O estudo do presépio além de ser um instrumento de documentação, compreensão e revelação da pluralidade e riqueza cultural do povo baiano, fortemente marcado pelo sentimento religioso, possibilita também a visualização de sua capacidade criativa. Essa religiosidade popular, pelo seu grau de espontaneidade, transcende a história e a Verdade Cristã revelada, revestindo-as dos encantamentos das lendas. É isto que dá ao presépio popular um caráter tão particular e original. Gustavo Barroso, no seu Livro *Terra e sol* fala da proximidade, da familiaridade com que é narrada a noite do nascimento de Jesus nas lendas populares:

... estão seus animais, que se tornaram bons e maus pelo que disseram na santa noite, na mesma promiscuidade e serventia da labuta diária. No alto, empoleirado, o galo proclama o acontecido. O mugir interrogante do boi, o relincho convidativo do jumento que ostenta na cruz dorsal a marca da benção que o Menino Jesus lhe deu numa mijada na viagem para o Egito. As ovelhas balindo Belém. O cachorro que ladra desmentindo a cabra má. Reitera o peru a ordem de Herodes — degola ele! degola ele! Enternecida ante a fragilidade do recém nascido a guiné atesta — tô fraco, tô fraco!

Do ponto de vista histórico-social, a pesquisa é reveladora da cosmovisão dos grupos sociais dos quais emergem os criadores de presépios, sua situação econômica, cultural, profissional e a própria concepção religiosa desses grupos.

Religiosidade: dimensão fundamental

Preliminarmente, é importante lembrar que religião e religiosidade são uma dimensão fundamental da experiência humana. Teóricos, como Durkheim, por exemplo, já comprovaram que a religião é um elemento presente em toda cultura humana. A necessidade de enfatizar o fenomenológico da presença divina e sua manifestação é própria do homem e muito marcada no povo. Ela se expressa sob diversas formas. Leonardo Boff, numa de suas palestras feitas em Salvador, em 1994, na Ufba, a respeito da espiritualidade, fala da necessidade que o homem tem em experimentar Deus, vivenciar a presença de Deus. E que cada um tem a sua forma particular de viver essa experiência. Eduardo Hoornaert nos lembra que as três forças vitais constitutivas do corpo humano são saúde/pão/sonho, e que a religião está inserida neste último, *tanto quanto de pão o homem precisa de sonho*, afirma ele.

Na verdade, a religião é algo muito mais amplo. Ela atende às necessidades de encontrar o sentido último da vida, entregar-se às forças que conduzem o Cosmo, ou seja, participar da luta e vencer a limitação da vida e a morte. Dentro dessa concepção mais ampla, Enrique Dussel define a religiosidade popular: *la religiosidad popular es el núcleo fundamental de sentido de la totalidad de la cultura popular porque se encuentran allí las prácticas que marcan la significación última de la existencia*.

Lanternari coloca a religiosidade como fenômeno dinâmico e complexo. Ao afirmar que *não existe uma religião popular em si*, justifica mantendo-se dentro da perspectiva marxista, dizendo que a *complexidade das relações entre religião popular e religião oficial espelha a complexidade das relações de classe de uma determinada sociedade*. Espelha também a *complexidade das relações entre culturas e povos diferentes nos seus contatos inter-étnicos*. Relações essas que *se processam de modo articulado e contraditório*. Diz ainda que *as manifestações da religiosidade popular se desenvolvem integralmente no interior da civilização da qual é igualmente descendente a religião oficial e ambas são historicamente inseparáveis*.

Articulação de arte oficial e popular

Pela sua permanência ao longo dos séculos no Ocidente, o presépio é um exemplo dessa articulação do oficial e do popular. Este estudo é importante

enquanto possibilidade de preservação, para as gerações futuras, de um dos aspectos significativos da manifestação artístico-religiosa e popular da cultura baiana e brasileira que, se não está ameaçada de extinção, está em franco retrocesso em algumas de suas manifestações (o presépio familiar de visitação pública) e em transformação em outras.

A pertinência deste estudo se deve, sobretudo, ao fato de que os trabalhos, até agora realizados aqui na Bahia e no Brasil sobre o tema, são abordagens genéricas como parte de estudos mais globais.

Uma Aportação portuguesa

Câmara Cascudo no seu **Dicionário do folclore brasileiro** fala do presépio no Brasil, suas origens, como uma aportação portuguesa, a partir do século XVI, numa análise descritiva e cronológica das diversas manifestações de presépio em diferentes cidades e regiões; Cecília Meireles também aborda o presépio, no seu estudo sobre arte popular no Brasil, no capítulo referente à escultura, no qual descreve o presépio como uma das mais interessantes imagens populares, fazendo referência cronológica ao passado colonial e à permanência da tradição através dos séculos. Cita ainda alguns criadores de figuras de presépio e o anonimato de muitas delas, mencionando também a tendência ao desaparecimento da tradição nas casas de família nas grandes cidades na década de 50. Costa Pereira na sua obra **A Cerâmica popular da Bahia**, no capítulo sobre figuras de barro, fala das origens da tradição dos presépios em Portugal e no Brasil, aqui surgindo como uma transplantação portuguesa desde a era colonial. Baseando-se fundamentalmente em citações de outros autores, narra os diferentes tipos de presépios em regiões do Brasil. Melo Moraes Filho, por sua vez, faz uma análise descritiva de presépio em algumas casas de família. Há, ainda, estudos sobre artesãos de diferentes regiões do Brasil, como o livro **O Reinado da lua** que é um levantamento de escultores populares do Nordeste, de Silvia Coimbra. Lurdes Milliet dá uma visão genérica do histórico do presépio e fala da coleção do Museu do Presépio em São Paulo.

Objetivo e período estudado

O objetivo do presente trabalho foi estudar e recolher alguns exemplares de presépios em Salvador, Cachoeira e Feira de Santana nos quais se busca

entender o fenômeno como parte do artesanato e da arte popular baianos, procurando recuperar; identificar os traços característicos comuns entre os presépios estudados, ressaltar as particularidades de cada um e diagnosticar as causas das mutações na sua produção.

A pesquisa abrange duas categorias de criadores: primeiro, os criadores de peças de presépio, os chamados figureiros de presépio – os escultores da vida no barro –; segundo, os armadores ou montadores de presépios, os que criam e montam a ambientação do presépio – os presépios leigos de visitação pública.

Ela restringe-se ao estudo de exemplares significativos de cada uma dessas duas categorias nas regiões citadas. Uma, Salvador, é a capital do e no Recôncavo; outra, Cachoeira, é cidade tradicional do Recôncavo; a terceira, Feira de Santana que, não sendo do Recôncavo tradicional, hoje nele se integra como um dos seus pólos econômicos-sociais, como ponta de um eixo que reestruturou toda a região. Neles se observa uma diversidade de concepções, de materiais, resultante de fatores mesológicos, econômicos, culturais e sociais.

O período estudado compreende as décadas entre 60 e 90, por ser um período que permite a localização da maioria das duas categorias de criadores, sem contar que nele ocorreram importantes mudanças, a nível sócio-econômico-político-cultural no Brasil e na Bahia, que tiveram significativas consequências, sobretudo em Salvador, no modo de vida e costumes da sociedade e que, de algum modo, se refletiram na concepção e confecção dos presépios.

Foram catalogados sessenta e dois indivíduos entre presepeistas e figureiros, dos quais vinte e dois foram selecionados em função de sua importância, permanência na fabricação e montagem de presépios e indicadores de linhas e tendências antigas e novas.

O desenvolvimento deste trabalho compreende dois momentos. O primeiro faz uma reconstituição histórica do presépio – suas origens, desenvolvimento, chegando até a sua introdução na tradição da cultura baiana. O segundo consiste no levantamento, coleta de material e entrevista, montagem de exposição, diagnose de sua situação dentro do período proposto.

Foram feitos levantamentos bibliográfico, documental (fichamento, microfilmes, xerox) e fotográfico em bibliotecas públicas e particulares, na Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. Recorreu-se, também, a entrevistas a partir de um questionário básico, com historiadores, religiosos, sociólogos e efetuou-se um levantamento de campo documentando, fotografando e entrevistando figureiros e presepeistas, sendo aplicado um questionário padrão a cada categoria.

Mudanças no período 1960-1990

No Brasil e na Bahia, o período 1960-1990 concentra grandes mudanças na geografia, sociedade e religião, que por sua vez, induzem a modificações na criação de presépios. As modificações na rede viária e nas comunicações aproximaram as regiões e submeteram as populações a múltiplos e uniformizadores estímulos; a urbanização levou a maior parte das pessoas a morar nas cidades, em barracos, pequenas casas e apartamentos.

A urbanização e a industrialização mudaram os horizontes, estilos de vida e os próprios ritmos da vida social, até então mais associada aos calendários agrícolas e burocráticos mercantis. Na própria religião, as manifestações de religiosidade popular modificam-se com demandas novas ou atualizadas de ação social, purificação individual, recursos a outras vias de acesso ao sobrenatural e ao sagrado. O presépio se manteve vigente, sofrendo modificações no seu espaço geográfico, social e religioso: menor e comprado já pronto, para ser colocado em casas e apartamentos menores e para um público restrito à família ou pessoa que, no Natal, queira reafirmar a sua identidade cristã. Criado como obra de arte, o presépio compete por espaço e atenção com a decoração natalina das lojas e shoppings onde são tão fortes o “Papai Noel” e a “Árvore de Natal”, incorpora personagens, peças e técnicas atuais em torno de seu núcleo central. O presépio dos shoppings e de outros espaços públicos, hoje, substitui os antigos presépios domiciliares de visitação pública. Ou melhor dizendo, representam uma alternativa para a manutenção do papel do antigo presépio domiciliar de visitação pública.

Artesãos ameaçados

Do universo de personagem envolvido pela tradição dos presépios, dois são mais ameaçados pelas mudanças recentes – os figureiros artesãos, ceramistas, ameaçados pela produção industrial e os armadores de presépios de visitação pública, ameaçados pela redução dos espaços e dimensões familiares, pela introspecção e auto-referência da família como mudanças nas relações de vizinhanças, e pela concorrência de outras mensagens e atrações.

O trabalho de campo, concentrando-se nesses segmentos, resgata a imagem e o depoimento de figureiros e presepeistas para a história da arte baiana. Pode, assim, retratar e compreender várias expressões do presépio no Recôncavo

desde a sua estruturação em torno da gruta, no meio do campo ou mesmo em um canto da cidade, até a grande variedade de técnicas, materiais e resultados obtidos.

Da análise dos depoimentos dos figureiros e dos montadores de presépios de visitação pública pode-se concluir que, na sua maioria, têm muita coisa em comum: aprenderam na infância com familiares, incorporam à sua ação um caráter devocional religioso no sentido mais amplo ou específico; todos são estimulados pelo desejo de atingir e atrair o público. Uns usam técnicas, instrumentos simples e material disponível, outros se sofisticaram introduzindo até a eletrônica.

Fiéis à tradição religiosa que receberam e reelaboraram, figureiros e montadores transmitem não só uma história sagrada mas muito da própria visão do mundo. Consideram-se produtores e perseguidores da beleza plástica e seu produto é, assim, também arte.

Simplicidade e abertura – o segredo da permanência

A simplicidade básica da concepção que torna a obra facilmente reconhecida nos mais variáveis níveis técnicos, e a possibilidade dos mais diversificados acréscimos, ou reduções, em torno de seu núcleo, permitiu no decorrer dos séculos, a permanência e adaptação do presépio. Esta, a primeira e mais importante conclusão do trabalho.

Enfrentando mudanças e pressões, os presépios continuam sendo uma representação artística e religiosa presente na cultura ocidental, brasileira e baiana.

Trabalhando a partir de depoimentos dos figureiros e montadores de presépio, analisando e caracterizando os tipos, agrupamo-los considerando os elementos comuns e evidenciando as diferenças entre eles, por exemplo, os escultores da vida no barro, onde tomamos por base o que os une em cada local estudado

Já os “presépios leigos de visitação pública” foram agrupados segundo sua concepção artística e referência ao modelo definido, de acordo com a tradição cristã e a montagem a partir de Greccio – a) em torno da gruta; b) nascimento no meio do campo; c) num canto da cidade; d) diluição da ambientação básica.

A Força e a vigência do presépio

A apresentação e a análise de duas outras formas de representação da Natividade que foram vigentes no Brasil – o Deus Menino da Caminha e o Deus Menino do Monte – permitem, por comparação, perceber algumas das razões da força e vigência do presépio.

No primeiro – O Bom Jesus da Caminha – pode-se brincar de boneca com Deus, mas pouco se pode acrescentar além da mudança do mobiliário e adereços. No segundo – O Bom Jesus do Monte – a concepção e a elaboração são caras, minuciosas, com grande carga de abstração e representação simbólica, exigindo mão de obra especializada para confecção de sua base (o monte escavado e trabalhado) e tornando-se, depois da criação, uma obra fechada cuja atualização corresponde apenas a mudanças de adereços.

Já o presépio criado a partir de Greccio é uma obra aberta e de compreensão e execução possíveis pelos mais variados níveis culturais e habilidades artísticas. A partir de um núcleo central – um recém-nascido, com os pais, deitado no centro sobre uma manjedoura ou no colo da mãe – os artistas vão agregando personagens tradicionais (reis Magos, burros, boi, galo, anjos, cidades de Belém ou Jerusalém) ou modernos (políticos, artistas, cidades ou bairros atuais).

Como a encarnação de Cristo é vista como fato central no mundo, os limites à incorporação e à agregação são a criatividade e os recursos do montador.

A mensagem do presépio é forte e totalmente inteligível – o messias, redentor do mundo, nasceu pobre e entre os pobres, em local usado pelos animais, mas, naquele momento, assinalado pela estrela e cantado pelos anjos e homens humildes e de boa fé.

Deste modo, a continuidade e a vigência do presépio refletem a força de uma história que vem maravilhando os homens há séculos: Deus se fez homem e habitou entre nós. História à qual Francisco de Assis forneceu duas das mais fortes traduções – **literária** e **teológica**, quando afirma que os homens tiveram a certeza da salvação com o nascimento, encarnação de Cristo no mundo; **plástica**, quando criou o presépio de Greccio, propagando uma forma de representação plástica, que há séculos, vem atraindo a atenção e reflexão das pessoas. Como aconteceu à autora e, espera ela, aos seus eventuais leitores

(*) Parte da Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Teoria e História da Arte.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, A. Maynard de. Lapinha e pastorinha. In: *Mostra de cultura popular brasileira* 3. Rio de Janeiro, pp. 65-66, 1980.

_____. *Lendas e perlenhas do Natal*. São Paulo: Paulistana, nº 31, pp. 14-15, out/dez, 1949.

CASCUDO, Luís Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1972.

_____. *Religião do povo* (oração circular). João Pessoa: Impr. Universidade de Paraíba, 1974.

CARNEIRO, Edson. *Festas tradicionais*. Rio de Janeiro: Conquista, 1974.

CARVALHO NETO, Joviniano S de. *Fé e religião no Recôncavo*. Salvador, 1994 (datilografado).

CELANO, Tomas de. *Vida de São Francisco de Assis*. Trad. do original frei J. C. C. Pedroso. OFM. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ECO, Umberto. *O Signo* Trad. Maria de Fátima Marinho. Lisboa: Presença, 1973.

GARRUT, J. M. História del pesebre. In: *La novidade y los pesebres en la tradición argentina*. Buenos Aires: Hermandad del Santo Pesebre, 1963.

GENNEP, Arnold Van. *Réligion, mœurs et legendes*. Paris: Société du mercure de France, s/d.

LANTERNARI, Victorio. *La Religion populaire, perspective historique et anthropologique*. Arch. Soc. des Res. V. 53, n. 1, p. 123-143 (apostila).

MEIRELES, Cecília. *Arte popular*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

MILLIET, L. D. *Museu do presépio*. São Paulo: Anhembi, 1956.

RAMON y QUILLIS, Francisco. *Como hacer um Belém* Alicante: Seccion de Curcillos de Belenismo.

VIANA, Hildegardes. *Noites de Reis na Bahia*. Cultura. Brasília: MEC, nº 33, out/dez, 1979.

Dados da Autora

. Vânia Bezerra de Carvalho- Profª Adjunta IV da EBA/UFBA.

Orientadora - Profª. Drª. Maria Helena Ochi Flexor